

Janeiro de 2019

Desdobramentos recentes: O crescimento na América Latina e Caribe estagnou a uma taxa moderada de 0,6% em 2018, refletindo o abrandamento do comércio mundial e condições mais restritivas de financiamento externo. Desdobramentos no Brasil, Argentina e Venezuela prejudicaram o crescimento regional. Houve moderação do crescimento na América Central e fortalecimento em quase todas as economias caribenhas em meio à reconstrução após a temporada severa de furacões de 2017.

A recuperação do segundo semestre permitiu ao Brasil acelerar levemente o crescimento em 2018, a uma taxa estimada de 1,2%. A crise cambial da Argentina, associada ao aperto acentuado das políticas monetárias e fiscais e uma grave seca levaram a uma contração estimada de 2,8%. O colapso da Venezuela continuou tendo em vista que a economia do país encolheu 18% no ano que acaba de terminar.

O crescimento no Chile e Peru acelerou a uma taxa estimada de 3,9% em 2018, refletindo em parte efeitos de base favoráveis. A elevação dos preços do petróleo ajudou a sustentar a retomada do crescimento na Colômbia, que chegou a 2,7%. Ao mesmo tempo, os preços mais altos do petróleo inibiram o crescimento na América Central em 2018.

Quase todas as economias da região com taxas cambiais flutuantes – especialmente a Argentina, o Brasil, o Chile e o Uruguai – registraram desvalorização nominal em relação ao dólar dos EUA.

Perspectivas: As projeções de crescimento regional indicam uma retomada de 1,7% neste ano, sustentada principalmente pelo consumo privado. Há previsão de aceleração de crescimento do investimento, mas a desaceleração do comércio mundial limitará o crescimento das exportações.

Uma expansão de 2,2% está prevista para o Brasil, pressupondo-se que reformas fiscais sejam rapidamente implementadas e que a recuperação do consumo e investimento supere os cortes nas despesas públicas. A incerteza política no México deverá manter o crescimento em uma taxa moderada de 2,0%, apesar da queda da incerteza relacionada ao comércio, após o anúncio do Acordo EUA-México-Canadá. A previsão para a Argentina é de uma contração de 1,7%, pois a profunda consolidação fiscal levará a perdas no mercado de trabalho e redução do consumo e do investimento.

Prevê-se uma aceleração da atividade econômica na Colômbia, para 3,3%. O crescimento no Chile deve moderar para 3,5%, e a expansão do Peru deve diminuir para 3,8%.

O PIB per capita deverá acelerar e superar o ritmo do crescimento per capita das economias avançadas a partir de 2020, depois de seis anos de convergência estagnada.

Riscos: Os riscos para as perspectivas regionais apontam para o sentido descendente. Condições mais restritivas de financiamento global são uma preocupação para países com grandes déficits na conta corrente ou que dependem dos fluxos de entrada de capital, como a Argentina, a Bolívia e vários países do Caribe. Países com uma carga de dívida externa alta, como a Jamaica, a Nicarágua e a Venezuela, também estariam em risco de uma mudança repentina no sentimento dos investidores em relação às economias de mercados emergentes e em desenvolvimento, da mesma forma que os países com considerável dívida denominada em moeda estrangeira, como a Costa Rica, Honduras e Nicarágua. As tensões comerciais são outra fonte substancial de riscos externos. O aumento das tensões comerciais entre os Estados Unidos e a China pode reduzir o crescimento regional no médio prazo por meio dos canais da confiança, das exportações e do mercado de produtos primários.

No âmbito da região, uma contração maior do que o esperado na Argentina poderia repercutir no resto da região por meio dos fluxos financeiros e de comércio. A migração contínua proveniente da Venezuela também poderia ter um impacto adverso no resto da região. Condições fiscais deficientes podem ter repercussões negativas para a sustentabilidade da dívida e a confiança de mercado. Além disso, a região permanece altamente vulnerável a desastres naturais e ao clima extremo.

Previsões para os Países da América Latina e Caribe

(Mudança percentual anual, salvo indicação em contrário)

	2016	2017	2018e	2019f	2020f	2021f
BIB a preços de mercado (US\$ de 2010)						
Argentina	-1,8	2,9	-2,8	-1,7	2,7	3,1
Belize	-0,5	1,2	1,5	1,9	1,7	1,7
Bolívia	4,3	4,2	4,5	4,3	3,8	3,4
Brasil	-3,3	1,1	1,2	2,2	2,4	2,4
Chile	1,3	1,5	3,9	3,5	3,3	3,2
Colômbia	2,0	1,8	2,7	3,3	3,7	3,6
Costa Rica	4,2	3,3	2,7	2,7	2,8	3,0
República Dominicana	6,6	4,6	5,8	5,1	5,0	4,8
Equador	-1,2	2,4	1,0	0,7	0,7	1,2
El Salvador	2,6	2,3	2,8	2,5	2,4	2,4
Granada	3,7	5,1	5,2	4,2	2,8	2,8
Guatemala	3,1	2,8	2,7	2,9	3,0	3,1
Guiana	2,6	2,1	3,4	4,6	30,0	24,8
Haiti^a	1,5	1,2	1,6	2,3	2,4	2,5
Honduras	3,8	4,8	3,6	3,8	3,8	3,7
Jamaica	1,4	1,0	1,7	1,8	2,0	2,0
México	2,9	2,1	2,1	2,0	2,4	2,4
Nicarágua	4,7	4,9	-3,8	-0,5	2,6	3,6
Panamá	5,0	5,3	4,0	6,0	5,4	5,2
Paraguai	4,3	5,0	4,0	3,9	4,0	4,0
Peru	4,0	2,5	3,9	3,8	3,8	3,7
Santa Lúcia	3,4	3,8	1,5	2,7	2,8	2,3
São Vicente e Granadinas	1,3	0,5	1,2	1,6	1,6	2,0
Suriname	-5,6	1,7	1,4	1,6	1,8	1,9
Trinidad e Tobago	-6,1	-2,6	1,0	0,9	1,2	1,2
Uruguai	1,7	2,7	2,1	2,1	2,3	2,5
Venezuela	-16,5	-14,5	-18,0	-8,0	-5,0	-4,0

Fonte: Banco Mundial.

Obs.: e = estimativa; f = previsão. As previsões do Banco Mundial são frequentemente atualizadas com base em novas informações e mudanças de circunstâncias (globais). Consequentemente, as projeções apresentadas aqui podem diferir das contidas em outros documentos do Banco, mesmo se as avaliações básicas das perspectivas dos países não diferirem significativa em um dado momento.

a. O PIB é baseado no exercício financeiro que vai de outubro a setembro do ano seguinte.